

Esta é uma publicação bimestral da
Aguapé - Rede Pantanal de Educação Ambiental

REVISTA **Aguapé**

Bacia do Alto Paraguai, fevereiro de 2003.

Ano 1 - Nº 01

Artigo *Educação ambiental: uma ferramenta para evitar a escassez de água*

Reportagens

*Cáceres (MT)
comemora o
Dia do Rio
Paraguai*

pág. 11

*A força da
educação
ambiental
poconeana*

pág. 12

*Escola Pantaneira
de Aquidauana
respeitando as
diferenças*

pág. 7

Menino
pantaneiro
caracterizado para
comemorações do
Dia do Rio Paraguai.

Apoio:



REDE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
uma proposta para o Pantanal



A Revista Aguapé é a concretização de um dos produtos do “Projeto de Estruturação da Rede Pantanal de Educação Ambiental”, apoiado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente e Ministério do Meio Ambiente. Com o projeto será criada e estruturada a primeira rede multilateral de educação ambiental para as cidades pantaneiras e da Bacia do Alto Paraguai. Mais do que a contribuição com divulgação da educação ambiental no Pantanal em espaço físico e virtual (com versão disponível na internet - www.redeaguape.org.br), esta publicação diminui das barreiras para a democratização das informações e divulgação de experiências educativas a favor do meio ambiente e de todas as formas de vida.

A Revista Aguapé constitui-se em mais um instrumento da comunicação alternativa, tendo em vista as dificuldades e limites dos grandes veículos de comunicação em destinar mais espaço para a divulgação de produções na área da educação ambiental.

Desde já, como editor da Revista Aguapé, informo que a equipe de comunicação e todas as outras deste projeto estarão à disposição da população, por meio do correio convencional, eletrônico, telefone e fax, para que a Aguapé - Rede Pantanal de Educação Ambiental exista de fato e fortaleça a educação para o meio ambiente, cidadania e cultura.

Eventos, pedidos de apoio, denúncias, fortalecimento de iniciativas e questões relacionadas com a educação ambiental no Pantanal e Bacia do Alto Paraguai terão espaço prioritário para divulgação na revista e site da Rede Aguapé. E este é nosso objetivo, trabalhar para a população tendo a educação ambiental como forte instrumento que possibilite garantir qualidade de vida.

Nas iniciativas divulgadas pela Rede Aguapé informamos contatos e referências das pessoas envolvidas com a educação ambiental para que você, leitor, possa trocar experiências e fazer o intercâmbio de informações.

Sua participação é essencial nesta iniciativa, pois sem a população pantaneira, sem a participação democrática dos que estão caleados pelo intenso trabalho na educação ambiental e a favor da vida, não existirá a Rede Aguapé. **Vitória e força para todos nós!**

O editor.



Fale com a gente

A Revista Aguapé vai destinar este espaço às cartas dos leitores. Aqui, a população do Pantanal, pesquisadores e profissionais da área de educação ambiental podem dar suas opiniões e sugestões para o conteúdo da revista e também para o crescimento e fortalecimento da Rede Aguapé.

Comunique-se com a Revista Aguapé por:

E-mail: jornalismo@riosvivos.org.br

Carta: ECOA - Ecologia e Ação. Rua 14 de Julho, 3.169. Centro. Campo Grande - MS. CEP: 79002 333 - Brasil.

Telefone ou fax: (67) 324 3230 ou 324-9109.

Ou pelo site: www.redeaguape.org.br

Para informações específicas sobre cada meta do “Projeto de Estruturação da Rede Pantanal de Educação Ambiental” fale com a coordenação:

Geral do projeto - Paulo Robson de Souza: (67) 345 7322 (ramal 7329). E-mail: prsouza@nin.ufms.br

Da meta de animação - Simone Mamede: (67) 9904 8164. E-mail: mamede9@aol.com

Da meta de comunicação - Allison Ishy: (67) 324 3230. E-mail: jornalismo@riosvivos.org.br

Da meta de capacitação - Angela Zanon: (67) 345 7525. E-mail: azanon@nin.ufms.br

Da meta de diagnóstico - Claudete Padilha: (67) 318 2200. E-mail: claupadilha@enersulnet.com.br

Expediente

Edição: Allison Ishy

Ilustrações: Lennon Godoi

Textos e reportagens: Allison Ishy (DRT/MS - 171), Patrícia Zerlotti (colaboração voluntária - DRT/MS - 085) e Yara Medeiros (DRT/MS - 019)

Revisão técnica: Sonia Hess e Regiane Schio.

Edição de arte: Yara Medeiros.

Estagiária de comunicação: Genice Damasceno.

Fotos: Allison Ishy e Yara Medeiros

Apoio: Fundo Nacional do Meio Ambiente / Ministério do Meio Ambiente

Produção editorial e projeto gráfico:

Potência de 2

Impressão: Gráfica e Editora Ruy Barbosa



Projeto já está percorrendo 10 cidades da Bacia do Alto Paraguai para estruturar uma rede multistitucional de educação ambiental.



2-----Editorial

2-----Cartas

Artigos

Educação ambiental: uma ferramenta para evitar a escassez de água por Regiane Schio

6-----Petelecos:

Garimpo x Educação

7-----Uma escola diferente para o Pantanal

8-----Nasce a Aguapé, a rede de educação ambiental para o Pantanal



11-----Cáceres faz festa para o rio Paraguai

12-----A forte educação ambiental que transformou Poconé



14-----Notas:

Fome indígena no Pantanal

15-----Divirta-se:

Cruzadinhas pantaneiras

16-----Encarte nº 1

O que é o Pantanal?

ATENÇÃO:

“Todo e qualquer conteúdo da Revista Aguapé e do site www.redeaguape.org.br pode ser reproduzido, distribuído, colocado em murais, multiplicado, utilizado como instrumento da educação e cidadania, desde que sejam citadas as fontes e que o fim não tenha caráter lucrativo.”



Educação ambiental: uma ferramenta para evitar a escassez de água

A água é um elemento indispensável para a vida, para a qualidade de vida e um insumo (fator de produção) necessário para todas as atividades produtivas, estando o desenvolvimento das civilizações associado a sua disponibilidade como recurso estratégico para o desenvolvimento de diversas atividades como: agricultura, pecuária, lazer, pesca, geração de energia elétrica, abastecimento etc. (Assis, 1995, Muñoz, 2000). Quando refere-se a viabilidade econômica, passa a ser denominada recurso hídrico, com consideração da água como bem econômico (Rebouças, 1999).

A quantidade de água não salgada estimada no mundo é de 2,6%, sendo que destes mais de 99% estão sob a forma de gelo ou neve nos pólos ou é subterrânea, encontrando-se, ainda, nos organismos vivos, no solo ou sob a forma de vapor na atmosfera (TUCCI, 1997).

A água doce de fácil obtenção está nos rios e lagos e apresenta distribuição desigual nas diversas regiões do planeta. Um só lago, o Baikal, na Sibéria, Rússia, responde por 20% desse volume (TUCCI, 1997, ABRÃO e SCHIO, 2000).

Observa-se que a oferta da água ocorre de forma heterogênea no ambiente, podendo variar quanto à qualidade e quantidade. Sua crescente demanda e a multiplicidade de seus usos têm provocado a escassez. O consumo mundial teve um vertiginoso crescimento a partir de

1950. Nos últimos 50 anos o consumo aumentou cerca de quatro vezes, chegando a 4.130 Km³ anuais, sendo que a água pode tornar-se um dos recursos naturais com disponibilidade mais crítica no próximo século (LANNA, 1999).

Dos mais de 5 bilhões de habitantes do planeta, pelo menos 1,3 bilhão não dispõem de água limpa. Esta população se concentra nos países pobres e em desenvolvimento. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1986 a água insalubre causava a morte de 27 mil pessoas diariamente no mundo. Vinte e seis países, a maioria localizada na África e no Oriente Médio, e até países europeus como a Holanda, são deficitários em água. Alguns países têm sido afetados em seu desenvolvimento industrial por falta de água doce. Em certas ocasiões esta escassez é a causa principal da estagnação econômica e de conflitos mundiais. (ABRÃO e SCHIO, 2000). Nesses países a água é considerada um recurso estratégico tão importante como o petróleo e os alimentos.

A chamada crise da água afeta especialmente determinadas regiões do planeta como o Norte da África, o Oriente Médio e a China. Trata-se de uma crise de efeitos locais, porém com implicações à segurança e à política regionais, que têm mais impacto nas regiões áridas e semi-áridas com grande crescimento de população (ABRÃO e SCHIO, 2000).

No Brasil, a existência de nove importantes bacias hidrográficas: Rio Amazonas - Atlântico Norte/Nordeste; Rios Tocantins/Araguaia, Rio São Francisco - Atlântico Leste; Rios Paraná/Paraguai, Rio Uruguai e Atlântico Sul/Sudeste, aliada aos indicadores de disponibilidades hídricas, costumam alimentar a ilusão de que as medidas destinadas a sua racionalização e uso não merecem ser tratadas como prioridades.

Os indicadores apontam que o Brasil abriga 12% das reservas hídricas da Terra e metade da água disponível na América do Sul. A relação entre disponibilidade e consumo é de 0,65%, ou seja, para cada 65 litros consumidos existem 1000 litros disponíveis porém, na prática, em muitas cidades ocorre escassez devido a contaminação de nascentes e rios (LANNA, 1999).

A desigualdade da distribuição das águas no território nacional é um fator de conflito. A região amazônica possui uma das mais altas disponibilidades de água do mundo e 80% das reservas brasileiras. Porém, nesta região residem apenas 5% da população nacional. As maiores demandas nacionais encontram-se a milhares de quilômetros de distância nas regiões Sul e Sudeste do país, que concentram mais de 50% da população brasileira, onde a escassez surge devido a deterioração da qualidade da água, inviabilizando a utilização de importantes mananciais, fazendo com que a oferta se torne insuficiente face às

diversas demandas (AZEVEDO e BALTAR, 2000).

Os recursos hídricos são abundantes para a irrigação, porém o uso agrícola é preocupante, já que o maior consumo de água no país refere-se à agricultura, atingindo aproximadamente 60% do total. As técnicas adotadas são pouco eficientes e implicam em grandes desperdícios, mesmo nas regiões semi-áridas do Nordeste (ABRÃO e SCHIO, 2000).

A poluição dos cursos d'água também se constitui num sério problema ambiental e numa ameaça à saúde humana, podendo inviabilizar o uso da água para diversas finalidades, caracterizando-se numa forma de conflito e escassez.

Uma das principais formas de poluição dos rios próximos aos centros urbanos é o lançamento de esgotos sem tratamento. Os números reforçam a gravidade do problema, uma vez que cerca de 90% do esgoto urbano do Brasil é lançado sem tratamento adequado nos cursos d'água (AZEVEDO e BALTAR, 2000).

Têm-se ainda outros problemas graves como a disposição inadequada de resíduos sólidos urbanos, que causam ao longo dos anos a poluição das águas (tanto subterrâneas quanto

superficiais) e o uso de fertilizantes na atividade agrícola deposita grande quantidade de nitratos no solo.

Muitos rios brasileiros sofrem com o processo de antropização (ação do homem sobre o meio ambiente). Um exemplo significativo são os extensos bancos de areia no rio Paraguai e a crescente degradação de seus afluentes (curso de rio que deságua em outro principal), dentre eles o Taquari, cuja nascente foi totalmente desmatada há mais de 15 anos.

Embora as reservas hídricas brasileiras sejam significativas, já se iniciou o processo de escassez da água, sendo necessária a adoção de uma série de ações para frear tal processo como: adoção de boas práticas agrícolas - como controle de erosão, diminuição do uso de pesticidas e herbicidas, uso racional de fertilizantes - tratamento de esgotos, economia no consumo da água, intensificação dos sistemas de monitoramento, recomposição da mata ciliar, interação contínua entre setores públicos e consumidores e a educação ambiental.

Confira no site www.redeaguape.org.br outros artigos produzidos pelo projeto de estruturação da Agupé - Rede Pantanal de Educação Ambiental:

A vegetação e o clima do planeta
por Sônia Hess.

Resíduos, coleta seletiva, reciclagem e educação ambiental
por Regiane Schio.

Quem alimenta a vida?
por Sônia Hess.

Para refletir o desenvolvimento sustentável
por Regiane Schio.

Vida: um princípio, muitas formas
por Sônia Hess.

Tais ações só surtirão efeito à medida em que a sociedade se engajou no processo, sendo imprescindível a intensificação das ações em educação ambiental para transformar os dados em informações, propiciar a reflexão e mais ainda a mudança de postura frente à demanda dos recursos hídricos.

É responsabilidade de todos evitar que esse recurso se torne cada vez mais escasso, seja através do uso racional, ou da participação das políticas públicas que definem e direcionam seu uso evitando sua escassez qualitativa e quantitativa. É a contribuição de cada um em direção à sustentabilidade, *afinal de contas, a água não é simplesmente um recurso hídrico, mas a fonte de existência da vida.*

* Regiane Schio é bióloga, especialista em Gestão Governamental pela UFMS e mestre em Tecnologias Ambientais com ênfase em Saneamento Ambiental pela UFMS.





Recado ao presidente Lula:

No dia 15 de novembro de 2002 o então deputado estadual de Mato Grosso, Gilney Viana, do PT (no centro da foto), atual secretário de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente (MMA), disse em seu discurso durante a comemoração do Dia do Rio Paraguai, em Cáceres (MT):

"Eu vim lá de Brasília, onde estou na equipe de transição do presidente eleito e quero dizer para vocês que estou lá como um só compromisso, o de falar: 'Ô Lula, estou aqui para defender o rio Paraguai, o Pantanal, a natureza e para defender a vida e não só a vida humana, mas todas as formas de vida que são fundamentais para que o humano cresça, para que o humano se reproduza, para que o humano se sinta bem na face da Terra'.

Esse povo da beirada do rio Paraguai, esse povo pantaneiro, que hasteou uma bandeira bem firme, quer dizer para todos aqueles que ignoram a natureza, o rio Paraguai e o Pantanal: nós daqui não arredaremos o pé até que respeitem todas as formas de vida, porque conseguiremos derrotar aqueles que semeiam a morte e a vida triunfará".



Como o recente ciclo do ouro afetou Poconé (MT) e como influenciou na educação? A professora pantaneira Joaíze das Dores Almeida Lopes, pedagoga, bióloga e especialista em educação ambiental responde:

"O garimpo chegou a Poconé numa corrida desenfreada. Não tínhamos legislação específica no Estado de Mato Grosso e todos os dias chegavam cerca de 1.500 a 2.000 pessoas. Nós, os professores, íamos trabalhar cedinho, em 1985, 86 e 87, e apareciam os garimpeiros com seus carros bonitos, novos, pertinho da gente. Jogavam moedas em nossas costas, para a gente se abaixar, se humilhar e catar o dinheiro e gritavam: 'E aí, professora, você ainda continua com suas sandálias, trabalhando tanto?!' Sofríamos constantes ameaças e éramos ridicularizados por termos renda pequena. Nós éramos os educadores contra a mineração.

Esta atividade trouxe para Poconé e população, além da degradação ambiental, o aumento da prostituição e da gravidez de meninas adolescentes. Víamos constantemente pais de nossas alunas vendendo suas filhas virgens para os garimpeiros.

Por mais de 15 anos a cavallhada, uma manifestação folclórica, cultural e histórica de Poconé deixou de existir por medo desta época. Aos poucos, com a decaída da mineração, fomos nos reestruturando.

Eles, os garimpeiros, foram embora e investiram o ouro que retiraram da cidade fora daqui. E Poconé ficou contaminada pelo mercúrio, com suas terras degradadas e suas crianças com muitos problemas de saúde.

Trabalhamos com hortas comunitárias, incentivando o plantio e cultivo de hortaliças, plantas e ervas medicinais e capacitações com objetivo de elevar a auto-estima de uma população tão castigada. Hoje, muitas destas pessoas já têm sua renda e produzem alimentos para vender. Acredito no trabalho da educação, no trabalho de educação ambiental porque precisamos educar a criança para não prejudicar o adulto."



Uma escola diferente para o Pantanal

Escola Pantaneira mostra que o ensino também precisa se adaptar à natureza



WWF

Respeitar os ciclos de cheia e seca das águas do Pantanal é uma questão de educação para o município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul. Desde 1998, foi criada uma escola que adota um calendário diferente para levar ensino às crianças do Pantanal.

As aulas só começam em abril e terminam em novembro. Tudo isso porque as constantes cheias do Pantanal dificultavam o caminho até a escola e o calendário educacional era igual ao da escola tradicional.

As aulas só começam em abril e terminam em novembro. Tudo isso porque as constantes cheias do Pantanal dificultavam o caminho até a escola e o calendário educacional era igual ao da escola tradicional.

Muitas crianças deixavam a escola ou apresentavam notas muito baixas porque não tinham como chegar até a sala de aula. Há escolas que ficam a 80 quilômetros da casa do aluno.

Agora em regime integral de

internato ou semi-internato cerca de 300 crianças pantaneiras cursam de 1ª a 6ª séries em 10 núcleos escolares que estão espalhados dentro do município de Aquidauana. As aulas duram 7 horas e incluem cinco refeições diárias e transporte. E já virou lei. Desde 2000 uma Lei votada pelos vereadores locais assegura o funcionamento da "Escola Municipal Pantaneira de Aquidauana".

Mas as diferenças não param por aí, o professor tem que adaptar os ensinamentos à realidade dos alunos. Além do conteúdo tradicional, tem aula embaixo da mangueira, horta e as crianças praticam atividades típicas do Pantanal como tramar couro e resgatar a cantiga de roda. "O professor tem que ultrapassar as barreiras de uma sala de aula. Usamos a matéria-prima do local e trabalhamos o conteúdo. O aluno é estimulado a trazer seu conhecimento para o professor", explica Catarina.

Para trabalhar com este tipo de conteúdo mais de 30 professores fizeram vários cursos oferecidos pelo WWF-Brasil (Fundo Mundial para a Natureza). "Para não perder as tradições e costumes, não basta fixar o pantaneiro na região. Eles têm que reconhecer o valor e

Entre em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana para obter mais informações sobre o Projeto Escolas Pantaneiras. O telefone é: (67) 241 6115

a importância de sua cultura", diz Eduardo Mongelli, responsável pelo WWF-Brasil, em Corumbá (MS).

A criação da escola foi uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação e hoje tem a parceria de outras instituições como a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e as ONGs WWF-Brasil e Conservation International do Brasil. Os donos de fazendas filiados à Associação dos Parceiros, Pais e Professores da Escola Pantaneira (APPPEP) contribuem com alojamento e parte da alimentação. Este ano, o Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) também vai contribuir oferecendo cursos.

No ano passado o projeto da escola ganhou um prêmio nacional como destaque na área de educação do Concurso Gestão Pública e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas e Ford. Entre os 980 trabalhos inscritos, o projeto ficou entre os cinco destaques, recebendo R\$ 20 mil de prêmio. "A cada ano que passa estamos criando e reinventando a escola pantaneira", orgulha-se a professora Catarina.

A professora Catarina Bernardes, diretora da Escola Pantaneira, conta que o conteúdo também é diferenciado são incorporados aspectos da cultura pantaneira.



YM

Nasce a Aguapé, a rede de educação ambiental para o Pantanal



Divulgação/Escola JK

Em Pconé - MT, comunidade escolar planta muda nativa para reflorestar áreas de risco nas enormes crateras que o garimpo do ouro deixou na cidade.

Como rede, a Aguapé prevê a integração e participação voluntária de instituições, movimentos e populações que moram no Pantanal.

Começa a nascer no Pantanal a primeira rede multistitucional de educação ambiental da região. É a ***Aguapé – Rede Pantanal de Educação Ambiental**, que será estruturada a partir de um projeto apoiado pelo Fundo Nacional

do Meio Ambiente (FNMA) e Ministério do Meio Ambiente (MMA). Desde outubro de 2002, durante 18 meses, o projeto de estruturação da Rede Aguapé estará realizando um conjunto criativo de ações em municípios pantaneiros dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O objetivo das ações é a consolidação da Rede Aguapé como fonte de informações sobre Educação Ambiental no Pantanal (com a criação de seu espaço virtual na internet) e de uma rede específica

para divulgar, discutir e trocar experiências da educação ambiental para as populações da região da Bacia do Alto Paraguai (BAP).

A consolidação deste objetivo irá também fortalecer, com o envio regular de informações, o banco de dados do Sistema Brasileiro de Informações sobre Educação Ambiental (Sibea – www.mma.gov.br/educambiental), que deve se constituir numa referência para pesquisas on line desta área.

Desconsiderando os limites geopolíticos sobre o ambiente natural, a proposta do projeto visa contribuir para a integração e sistematização de informações da educação ambiental praticada em ambos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde se faz presente mais de 80% do Pantanal - e indiretamente pretende atingir também as áreas do Pantanal no Paraguai e Bolívia.



Alunos da Escola Estadual Dom Galibert (Cáceres - MT) interpretam peça teatral que alerta para impactos negativos do uso insustentado de recursos da natureza.

Como rede, a Aguapé prevê a integração e participação voluntária de instituições, movimentos e populações que moram no Pantanal. **Comunicação em rede**

Com objetivo de criar e operar diversos instrumentos de comunicação pela rede mundial de computadores, a internet, a estruturação

***Aguapé – segundo o dicionário Aurélio é:**

1- Designação comum a várias plantas aquáticas flutuantes, de flores violáceas e ornamentais, e das quais a *Echhornia crassipes*, da família das pontederláceas, é a mais comum; mururé, orelha-de-veado, pavoá, rainha-do-lago, uapé, uapé.

2- Trama vegetal constituída de plantas aquáticas que crescem na superfície das águas dos rios, lagos e pantanais, e que, prendendo-se mutuamente, formam um tapete capaz de sustentar um homem sobre ele delgado.



da primeira rede de educação ambiental para as cidades pantaneiras vai contar com bases locais em dez municípios definidos como pólos multiplicadores da educação ambiental: Cuiabá (MT), Cáceres (MT), Poconé (MT), Santo Antônio do Leverger (MT), Campo Grande (MS), Aquidauana (MS), Jardim (MS), Porto Murtinho (MS), Coxim (MS) e Corumbá (MS).

Quatro grandes metas prevêem o fortalecimento da iniciativa: a **animação**, que estará divulgando a criação da Rede Agupé e convidando a população pantaneira para participar ativamente de discussões e do próprio gerenciamento da rede; a **comunicação**, que terá o papel de democratizar as informações técnicas, científicas e notícias sobre educação ambiental para o



O QUE É O SIBEAS?

É o Sistema Brasileiro de Informações sobre Educação Ambiental, um grande banco de dados do Ministério do Meio Ambiente, já disponível na internet no endereço www.mma.gov.br/educambiental. O portal, que está em constante atualização, já disponibiliza dados sobre pesquisadores, documentos, legislação, projetos, notícias, links, referências e informações sobre a educação ambiental no Brasil. A Agupé – Rede Pantanal de Educação Ambiental e outras redes de educação ambiental no Brasil estarão constantemente alimentando o banco de dados do Sibeas.

Pantanal; a **capacitação**, onde serão convidados dois representantes de cada município-pólo para um curso de trabalho em rede e multiplicação da educação ambiental e **diagnóstico**, que prevê a construção de um perfil completo que permitirá à própria população pantaneira conhecer a educação ambiental praticada hoje.

Prevendo ações diretas nos 10 municípios-pólo do Pantanal, o projeto de estruturação da Rede Agupé dará infraestrutura, facilitará articulações e a troca de experiências da educação ambiental pantaneira para que a própria sociedade assuma sua gestão e possa propor atividades, discussões e ações descentralizadas e coordenadas por decisões colegiadas.

Elaboração e aprovação

A estruturação e detalhamento das metodologias para a execução do projeto de estruturação da Rede Agupé são resultados de intensas discussões e trocas de experiências entre as entidades que se propuseram a elaborar e construir em conjunto a iniciativa: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Instituto de Meio Ambiente Pantanal (Imap), Secretaria de Estado de Educação (SED) de MS, organização não-governamental Mulheres em Ação no Pantanal (MUPAN) e Instituto Brasileiro de Inovações pró-Sociedade Saudável do Centro-Oeste (IBISS-CO).

Tendo como proponente a or-



As Rezadeiras de São João Batista, movimento organizado de mulheres do Pantanal, no município de Cáceres - MT, que preserva a cultura e religiosidade tradicional.

ganização não-governamental Ecoa – Ecologia e Ação, o projeto para a criação e estruturação da Rede Agupé foi aprovado simultaneamente pelo FNMA e MMA junto com outras redes de educação ambiental no Brasil. Um destes projetos, o da Rede Brasileira de Educação Ambiental (Rebea), propõe a integração entre todas as redes de educação ambiental existentes no país.

(Mais informações sobre o Projeto de Estruturação da Rede Pantanal de Educação Ambiental podem ser conferidas no site: www.redeaguape.org.br)



continua

Conheça melhor as metas do Projeto de Estruturação da Rede Pantanal de Educação Ambiental:

1) Diagnóstico da situação da educação ambiental no Pantanal

Nos primeiros quatro meses da execução do projeto serão feitos o diagnóstico do cenário da educação ambiental nos Estados de MT e MS e produção de dois relatórios com lista e o plano de sustentabilidade da Rede Pantanal de Educação Ambiental.

2) Difusão de informações e notícias socioambientais

Nos 18 meses vai disponibilizar via internet informações ao público sobre os aspectos técnicos, conceituais e pedagógicos da educação ambiental, além de disponibilização de notícias socioambientais, produtos e informações geradas pela Rede Agupapé; produção de nove edições impressas da Revista Agupapé com periodicidade bimestral; confecção de artigos elaborados por técnicos que atuam na área de meio ambiente.

3) Capacitação de agentes multiplicadores para gestão e educação ambiental em Rede
Durante seis meses será realizado um curso de capacitação para trabalho em rede aliado à Educação Ambiental com 30 vagas gratuitas. É dividido em três módulos: 1- Estratégia de organização e manutenção em redes; 2- Política Ambiental, Legislação e Educação Ambiental em Rede e 3- Planejamento e Gestão Ambiental em Rede. Durante o intervalo entre as aulas teóricas, os alunos desenvolverão atividades práticas demonstrativas, além de se articularem com os atores da educação ambiental local.

4) Animação da Rede, Articulação e Mobilização.

Nos 18 meses de execução do projeto vai promover 10 reuniões multidisciplinares e de articulação, 10 visitas técnicas, 6 seminários temáticos e 6 oficinas de intercâmbio.

Outras redes

As redes de educação ambiental brasileiras:

REBEA - Rede Brasileira de Educação Ambiental - Site: www.rebea.org.br . E-mail: rebea@uol.com.br - Fone: (11) 3871 0370 (Instituto Ecoar).

AGUAPÉ - Rede Pantanal de Educação Ambiental - Site em construção: www.redeaguape.org.br - Rua 14 de Julho, 3169, centro. Campo Grande, MS. CEP: 79002 333. Telefax: (67) 324 3230. E-mail: jornalismo@riosvivos.org.br

REMTEA - Rede Mato-grossense de Educação Ambiental - Site: www.univag.com.br/remtea - Universidade Federal de Mato Grosso - Instituto de Educação. Sala 66, Campus Universitário. CEP 78060 900, Cuiabá - MT. Contatos: Heitor Queiroz de Medeiros (heitoreco@terra.com.br) - fone: (65) 653 8826; Michèle Sato (misato@terra.com.br) - fone: (65) 615 8443; João Carlos Gomes (jc@vsp.com.br) - fone: (65) 664 2945.

ReAcre - Rede Acreana de Educação Ambiental - Site: www.ufac.br Endereço: UFAC/Parque Zoológico - BR 364 - KM 4 - Distrito Industrial - Campus Univesitário - CEP 69915 900. Fones: (68) 212 3690 / 212 3500 - Ramal: 3690

REABRI - Rede de Educação Ambiental da Baía do Itajaí - Site: www.ipa.furb.rct-sc.br/reabri/ Contato: Guarim Liberato Martins Junior (guarim@furb.br) e guarim@cfh.ufsc.br). Rua Arthur Koehler, 54, Apto. 104. Bairro Victor Konder. CEP: 89012 580 - Blumenau - SC. Fones: (47) 321 0376, 340 0256, 9121-8229.

REPEA - Rede Paulista de Educação Ambiental - Site: www.repea.org.br - Endereço: Rua Caio Graco 379 - Lapa - São Paulo - SP. CEP: 05044 000. Telefax: (11) 3871 1944. Contato: monicab@5elementos.org.br

REASul - Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental - Site: www.reasul.univali.br - Endereço: Rua Uruguai 458 - Bairro Centro - Itajaí - CEP: 88302 202 - E-mail: reasul@univali.br . Contato: João Moya Neto - secretário executivo da REASul (secreasul@univali.br)

Rede Mineira de Educação Ambiental - Página da lista de discussão da Internet: www.grupos.com.br/grupos/rmea - Endereço da secretaria executiva: Gerência de Educação Ambiental/SMMAS / PBH - Av. Afonso Pena, 4.000 / 6º andar - Cruzeiro, Belo Horizonte, MG. CEP: 30130 009. Telefax: (31) 3277 5199. Correio eletrônico: rmea@grupos.com.br

REA/PB - Rede de Educação Ambiental da Paraíba - Contato: Aurora Costa (reapb@prac.ufpb.br). Endereço: Térreo da Reitoria da UFPB - Cidade Universitária . CEP: 58059 900. João Pessoa - PB. Telefone: (83) 216 7599.

Rede de Educação Ambiental do Rio de Janeiro - Contato: Patrícia Mousinho (patm@br.inter.net). Lista de discussão da Rede-EA-RJ: <http://www.grupos.com.br/grupos/redeeducacaoambiental/>

Rede de Educação Ambiental de São Carlos - Contato: Heloisa Cinquetti (hscinquetti@linkway.com.br) - APASC - Associação para Proteção Ambiental de São Carlos. Telefone: (16) 274 2653.

Cáceres faz festa para o "Rei do Pantanal"

É o Dia do Rio Paraguai, semana para festejar, protestar ver o rio Paraguai entrecortando o Pantanal.



Pelo terceiro ano consecutivo os pantaneiros de Cáceres (MT), manifestaram seu amor pelo Pantanal e pelo rio Paraguai, o "Rei do Pantanal". Os dias de 11 a 15 de novembro de 2002 foram dedicados para sensibilizar e protestar contra impactos socioambientais negativos que o Pantanal vem sofrendo.

"Estamos fazendo a Semana do Rio Paraguai por três motivos: reivindicação pelo tratamento do esgoto de nossa cidade; a Hidrovia Paraguai-Paraná, pois há necessidade de conscientizar sobre o que este projeto trará para a nossa cidade e para o nosso rio e o crime do rio Jauru, pois ficamos sabendo pelo noticiário local que houve grande mortandade de peixes e que o

ambientais, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), a Semana do Rio Paraguai teve apresentações culturais de grupos regionais e de escolas, teatro, palestras e mostras de vídeos socioambientais.

No feriado de 15 de novembro de 2002, às 8 horas da manhã, a Ponte Marechal Rondon, que liga a BR-070 de um lado ao outro do rio Paraguai, foi bloqueada por estudantes, professores, mães, crianças e idosos. Num palco improvisado num barco, o Grupo Raízes, que resgata a cultura do pantaneiro, cantava e dançava no rio Paraguai, chamando a população para participar da grande festa. Na chegada às margens do rio, na Ponte Marechal Rondon, a embarcação é recebida pelas rezadeiras de São João Batista, grupo tradicional de mulheres religiosas de Cáceres, que acompanhou a população reunida até o palco, ao lado da BR-070, levando a imagem de Nossa Senhora do Pantanal (segundo relatos de ribeirinhos pantaneiros, uma das manifestações de Virgem Maria no Pantanal).

Ali, espetáculos de danças típicas, poesias e a pura manifestação da religiosidade e música pantaneira foram apresentadas ao público por crianças, jovens, adultos e pelos autênticos senhores pantaneiros tocadores do Cururu, do Grupo Guató.

O público de cerca de 1.500 pessoas também deu seu recado: "Este rio é fonte de água, de alimen-

tação e de sobrevivência de muitos ribeirinhos", disse Cláudia Conceição da Silva Costa, acadêmica de biologia da Unemat. O comerciante José Dias de Oliveira lamentou o atual estado de conservação do rio: "Quando nasci, tinha um patrimônio na beira do rio, eu *banava* as águas com a mão e bebia dela.

Hoje, se faço isso, com os esgotos sendo despejados no rio, é perigoso até cair minha mão".

Às 10 horas da manhã a organização da Semana do Rio Paraguai liberou a passagem de veículos na Ponte Marechal Rondon. Certamente, para a comunidade organizada de Cáceres, cada minuto de celebração e de protesto no Dia do Rio Paraguai contra os problemas do Pantanal significaram fortalecimento da cidadania e da luta pela qualidade de vida local.

Organização

A Semana do Rio Paraguai foi organizada pelo Fórum de Lutas das Entidades de Cáceres (FLEC), que tem representações de bairros, da educação, religiosas, de luta pela terra, Ongs e lideranças das áreas de meio ambiente, turismo e comunicação. O evento contou com apoio da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). A manifestação, que iniciou em 14 de novembro de 2000 para dizer não à Hidrovia Paraguai-Paraná, hoje é a maior mobilização organizada pela comunidade em defesa do rio. Segundo Alonso Batista dos Santos, do FLEC, "o 14 de novembro é o dia da gente mostrar que é forte e de dar aula de cidadania para toda a sociedade".

Para quem quiser mais informações o endereço do FLEC é: Rua Antônio João, 294. Centro. Cáceres - MT. CEP: 78200-000. Fone: (65) 223 3667.



Fotos: AI

rio praticamente secou por três dias devido ao fechamento das comportas da hidrelétrica do grupo Queiroz Galvão", afirmou o padre Isidoro Salomão, da organização do evento.

Além da apresentação e debates do Seminário Bases Socio-

A forte educação ambiental que transformou Poconé

No município, três escolas mostram porque são consideradas referência

Considerada como uma das principais referências em educação ambiental no Estado de Mato Grosso e no Brasil, Poconé, localizada no Pantanal, mostra hoje resultados de incessantes trabalhos da educação para amenizar os impactos sociais, ambientais e econômicos trazidos pela atividade de mineração de ouro e melhorar a qualidade de vida de sua população. Lá, a frase “educação para transformar o meio ambiente” já é realidade.

A Revista *Aguapé* foi conhecer, em dezembro de 2002, a educação ambiental poconeana. No município, entrevistamos a assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Edu-

os dados de Enair, revelando que cerca de 72% da população local não têm emprego.

E apesar de todas estas barreiras, os educadores de Poconé mostram os números do avanço da educação ambiental formal (das escolas). Segundo a Seduc, todas as 11 escolas da rede estadual já inserem a educação ambiental e deste total 70% possuem trabalhos avançados de sensibilização, mobilização e reciclagem de lixo. As 64 escolas da rede municipal de Poconé fazem a sensibilização nas salas de aula e dentre estas, cinco trabalham com ações e projetos. “Tudo é a boa vontade da escola e do aluno, porque quando a escola é aberta, o aluno sente como se fosse sua própria casa”, conta Enair Regina.

Pioneirismo em Cangas

Iniciada em 1995, por meio do Projeto Alternativas do Ensino Médio (PAEM), no distrito de Cangas, as ações da educação ambiental priorizaram o lixo. Com o projeto “Lixo, Problema ou Solução?”, a **Escola Estadual de 1º e 2º Graus Dom Francisco de Aquino Corrêa** mobilizou e conseguiu apoio da comunidade. Os resultados dos trabalhos, principalmente de sensibilização, multiplicaram-se pelo distrito e depois em Poconé. Considerada hoje como referência em educação ambiental, a escola tem sido convidada para visitar outros municípios e trocar experiências.



“Se os alunos forem sensibilizados e conseguirem levar esse recado para suas famílias, já teremos multiplicadores”.
Luciane Nunes, diretora de escola em Poconé (MT).

“Nossos alunos antes pensavam: ‘estou na escola para estudar, não para trabalhar coletando lixo, já que o governo paga a limpeza’. E hoje o pensamento deles mudou, porque sabem que precisam transformar o seu meio para melhor”, comenta o professor Nelson Manoel da Silva. Em Cangas, pelo menos 70% da população (estimada em cerca de 1000 habitantes) já está sensibilizada com a questão ambiental.

A multiplicação em Poconé

Em Poconé, outra instituição que multiplica a educação ambiental é a **Escola de 1º Grau Juscelino Kubitschek**, onde trabalha Zeila Cecília da Conceição e Silva, administradora escolar. “Na época (1995) estávamos sofrendo com as consequências do garimpo, que deixou muitos buracos e contradição na população, porque alguns se beneficiavam da atividade e outros ficavam prejudicados”, diz Zeila da Conceição.

A crescente preocupação com a saúde de algumas das famílias de alunos, contaminadas pelo mercúrio (um metal pesado e tóxico utilizado no processo de separação do ouro de outros materiais), fez surgir na escola muitas discussões que questionaram a atividade do garimpo. “Temos filhos com pais filãozeiros (aqueles que buscavam no garimpo fonte



“Nos mutirões de limpeza na escola e na comunidade a maioria dos estudantes vem sorrindo, cantando, todos com suas enxadas, com seus rastelos”. - Nelson Manoel, professor em Cangas.

cação, Cultura, Esporte e Lazer (Seduc), Enair Regina Martins. Segundo ela, vários são os problemas que a população e a educação local enfrentam como a falta de aterro sanitário para o lixo, de saneamento básico, qualidade de vida e perspectiva de geração de renda. A professora da Escola Frei Carlos Vallete, Joáize das Dolores Almeida Lopes, reforça

lados. Os alunos do período noturno não conseguiam estudar porque saíam da escola e iam direto para o garimpo. Desses problemas a gente enfrentou muito", lamenta Zeila.

Com apoio de lideranças da comunidade, as discussões priorizaram dois dos principais problemas do município: o garimpo e o destino inadequado do lixo. Iniciando com o Projeto Nosso Ambiente, Nossa Vida, com sensibilização dos alunos, a escola utilizou aulas de todas as possíveis disciplinas para inserir o tema da educação ambiental. A partir de então surgiram sub-projetos com objetivo de estimular ações e divulgação de informações para a cidadania e a educação ambiental nos estudantes e comunidade do bairro. A escola, desde então, transformou-se. "Nossos alunos, quando vão a outras escolas e vêem pessoas agindo de forma errada daquilo que temos aprendido com a educação ambiental, já conseguem enxergar e falar".

Prêmio Nacional de Gestão

Depois da JK, nossa visita aconteceu na **Escola Estadual do Ensino Fundamental Frei Carlos Vallete**, no bairro Bom Pastor. Lá, durante uma conversa com a diretora Luciane de Aquino Nunes, descobrimos que a educação ambiental surgiu também pela preocupação com a saúde de alunos e da comunidade, que estava sendo afetada pelo mercúrio do garimpo. "Muitos dos pais de nossos alunos estavam contaminados pelo

mercúrio", conta Luciane. A sensibilização passou da escola para a comunidade com ações de um projeto que orientava sobre os perigos do mercúrio e fazia exames e tratamento de saúde para eliminar a contaminação nas pessoas. A água e o lixo foram temas que também preocuparam a escola, que não se calou. Hoje, na Frei Carlos Vallete tem água boa de beber e limpeza constante. Água e Lixo transformaram-se em temas permanentes da educação ambiental desenvolvida pela escola.

A instituição recebeu pelos trabalhos o Prêmio Nacional de Gestão. Nas palavras da diretora Luciane, "se os alunos forem sensibilizados da necessidade de preservação de nosso meio ambiente e conseguirem levar esse recado para suas famílias, então já teremos multiplicadores que vão estar trabalhando".

Incentivo e apoio

Apesar do reconhecimento a contribuição poconense para a educação ambiental, faltam ainda apoio financeiro e parcerias para a continuidade de ações. "Na visão do político de hoje, resultado tem de ser imediato, para amanhã. Mas educação ambiental não acontece desta forma, educação ambiental é mobilização, sensibilização. Estamos trabalhando há sete anos com a educação ambiental e ela ainda não está da forma como deveria ser", esclarece Enair Regina, assessora pedagógica da Seduc.

(Visite o site

www.redeaguape.org.br e veja com mais detalhes a visita da

Revista Aguapé a Poconé).

Você pode ajudar a educação ambiental de Poconé apoiando as ações da comunidade.

Faça contatos com:

- **Escola de Primeiro Grau JK:** Rua Dois, Quadra 3, S/N, Núcleo Cidade Rosa (Cohab Nova). CEP: 78175 000. Poconé – MT. Fone: (65) 345 2306.

- **Escola Estadual do Ensino Fundamental Frei Carlos Vallete:** Av. Pinheiro Machado, 1266. Bairro Bom Pastor. CEP: 78175 000. Poconé – MT. Fone: (65) 345 2344. Fone da diretora: (65) 345 2001.

- **Escola Estadual de 1º e 2º Graus Dom Francisco de Aquino Corrêa:** Rua Santa Terezinha, S/N. CEP: 78178 000. Distrito de Cangas, Poconé – MT. Fones: (65) 374 1103 / 1113.

- **Prefeitura Municipal de Poconé:** Praça da Matriz, S/N. Centro. CEP: 78175 000. Fone: (65) 345 1952.

Enquete de dezembro de 2002 com os alunos de Poconé: para você, o que é educação ambiental e como ela participa de sua vida?

Janaína de Oliveira Moraes, da

7ª série da Escola de 1º Grau Juscelino Kubitschek: "Educação ambiental é o melhor para mim. Se eu puder conhecer o meu ambiente ao redor, que é minha vida, se souber, por exemplo, mais sobre um animal e qual a importância que ele tem para mim, isso só se reverterá em benefícios à minha vida. Hoje participo do grupo Defensores do Pantanal, aqui da escola, e é muito bom porque a gente corre atrás de informações sobre o Pantanal e a garça-branca".



FOTOS: AI



Thyago Soares da Silva, aluno da 8ª série da Escola de 1º

Grado Juscelino Kubitschek: "Educação ambiental é a preservação de nosso meio ambiente, para que possamos continuar a viver no futuro. Hoje tenho muito orgulho de meu trabalho, que ajuda a reciclar e transformar o lixo em artes belíssimas. Apesar de estar concluindo a 8ª série e ter de deixar a escola, vou levar o que faço aqui para a outra escola, porque sei que lá não existe um trabalho tão forte como aqui e vou tentar organizar também ações. Para aqueles que não participam da educação ambiental dou um recado: não sabem o que estão perdendo!"

Edson José de Arruda, da 7ª série da Escola Frei Carlos Vallete: "Educação ambiental é preservar a mãe natureza e não deixar que ela se destrua. Na



escola participo do teatro como ator e construí todas as roupas dos personagens. Aqui sou o vento forte e a erosão, que chegam quando as margens dos rios são desmatadas e junto com a enxurrada degradam o rio. Com o teatro muitos já sabem como prevenir a degradação ambiental".



Ativismo ecológico dá certo

O relatório "O Estado do Mundo 2003", divulgado recentemente pelo Instituto Worldwatch, um dos mais respeitados no mundo, prova que a ação das pessoas pode fazer diferença real no planeta. O ativismo ecológico resultou em: aumento de 30% no uso de energia solar e eólica (dos ventos) em países como Alemanha, Japão e Espanha nos últimos 5 anos; queda de 81% na produção do gás Cloro-fluorcarbono (o CFC), que destrói a camada de ozônio, durante os anos 90 e redução dos casos de poliometilite, no mundo, de 350 mil em 1998 para 480 em 2001.

(Fonte: BBC)



Exemplo: manifestantes em Corumbá (MS) da Aliança Rio Paraguai, ajudam a manter a concretização da Hidrovia Paraguai-Paraná cada vez mais distante do Pantanal.

Programa Pantanal conhece Rede Aguapé

O Programa de Desenvolvimento Sustentável do Pantanal (Programa Pantanal), que tem a missão de promover o desenvolvimento sustentável dos municípios que compõem a Bacia do Alto Paraguai (BAP) em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, conheceu o Projeto de Estruturação da Rede Pantanal de Educação Ambiental.

No dia 5 de fevereiro, o coordenador do projeto da Rede Aguapé, Paulo Robson de Souza, reuniu-se em Campo Grande, MS, com Eliane Ribeiro, assessora de Educação Ambiental do Programa. "Nosso papel é também democratizar as informações, com objetivo de fortalecer e apoiar a educação ambiental no Pantanal", comentou Eliane Ribeiro. Para Paulo Robson, "a apresentação do projeto ao Programa Pantanal é um importante passo para a integração de iniciativas e troca de informações". Também estiveram na reunião a nova coordenadora de Educação Ambiental do Instituto de Meio Ambiente Pantanal (IMAP), Ana Paula Mendonça de Moraes e a gestora ambiental do Programa Pantanal, Maria José.

Fome indígena no Pantanal

Indígenas paraguaios Ayoreo que vivem na margem do rio Paraguai, na fronteira com Brasil estão morrendo de fome. Na comunidade pantaneira de mais de 600 indígenas já morreram, desde o início de 2003, quatro crianças e um adulto. A fome está causando desnutrição, problemas respiratórios e desidratação que acabam levando à morte.

A produção de alimentos que abastece as quatro aldeias da comunidade foi toda perdida com longa estiagem do Pantanal em 2002. As plantações secaram e até mesmo as sementes não tiveram como ser coletadas. Apesar de não ter responsabilidade oficial, o município de Porto Murtinho (MS), no Brasil, que fica a 5 Km da comunidade, se mobilizou e está prestando assistência como pode.

O governo paraguaio ainda não tomou medidas para sanar a fome dos indígenas. As Ongs Vida Pantaneira e Ecoa - Ecologia e Ação lançaram a campanha "Solidariedade Sem Fronteiras" para arrecadar alimentos aos indígenas Ayoreo. Se você quiser colaborar, entre em contato pelo telefone (67) 324 3230. Para saber mais acesse o endereço www.riosvivos.org.br/ecologiaemnoticias e veja uma série de reportagens sobre a fome Ayoreo.



Íbama chega a Poconé (MT)

Em comemoração aos 222 anos de Poconé (MT), o Ibama assinou um Termo de Cooperação Técnica com a prefeitura local para realização de atividades de educação, controle e fiscalização ambiental e destinação dos produtos florestais apreendidos, que serão utilizados em obras sociais. A madeira recolhida servirá, por exemplo, para o madeiramento na construção de 50 casas destinadas à população de baixa renda. O convênio firmado vale por dois anos. Como contrapartida, a Prefeitura de Poconé doou uma área de 1.800 m² para a construção do Escritório Regional do Ibama. Dois novos analistas ambientais vão trabalhar em Poconé e devem dinamizar as ações na região, consideradas estratégicas por abranger parte do Pantanal Mato-grossense.

(Fonte: Estêvão Andrade / Ibama - www.ibama.gov.br)

Cruzadinhas pantaneiras

Divirta-se



A Rede Aguapé está percorrendo 10 municípios do Pantanal para fortalecer a educação ambiental na região. Descubra quais são estas cidades-pólo do projeto com algumas dicas. Além dos 10 municípios, você vai encontrar uma surpresa, a décima primeira cidade que contactou o projeto e será pólo multiplicador da educação ambiental:

1) Conhecida como "Cidade Branca" ou "Capital do Pantanal".

Tem como atração turística o Forte de Coimbra.

2) Seus habitantes a

chamam de "Princesinha do

Paraguai", em homenagem ao rio Paraguai. A

cidade abriga o maior festival de pesca do Brasil.

3) Recebe o nome de um

santo, foi habitada pelos indígenas Bororo e sua história é marcada pelo ciclo da cana-de-açúcar.

4) É a capital do Estado de Mato Grosso do Sul, conhecida como "Cidade Morena", por estar

assentada em solo de cor marrom-avermelhada.

5) Abriga a maior comunidade indígena do país e os núcleos da "Escola Pantaneira", criada por Lei Municipal.

6) * Cidade surpresa: Aqui estão as baías de Chacororé e Sinhá Mariana, dois gigantes de água doce que formam um imenso viveiro natural de espécies do Pantanal. As visitas aos ninhal de aves aquáticas estão entre as maiores atrações do ecoturismo no município.

7) É a capital do Estado de Mato Grosso, localizada no Centro Geodésico da América do Sul. Seu nome vem do termo indígena "Ikuiaipá", que significa local onde se pesca com flecha-arpão.

8) Foi fundada em 14 de maio de 1946. Parte de sua área está dentro do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, em Mato Grosso do Sul. Nela está o "Buraco das Araras" e o rio da Prata. Seu nome, segundo o dicionário Aurélio, significa "terreno, em geral com alamedas, onde se cultivam plantas ornamentais, úteis, ou para estudo".

9) Surgiu com a instalação do porto para o embarque da erva-mate, em 1892. Hoje tem 12 mil habitantes, faz fronteira com o Paraguai e vários de seus habitantes são solidários aos indígenas Ayoreo, que vivem no Pantanal e estão morrendo por causa da fome.

10) Conhecido como "Portal do Pantanal Mato-grossense", este município já passou pelos impactos sociais, econômicos e ambientais da atividade do garimpo de ouro. Hoje, a educação é o setor mais organizado e forte da cidade. Dentre as pérolas culturais destaca-se a tradição dos "Mascarados".

11) Tem como principais atrações turísticas os rios Taquari e Corrente. A atividade do turismo tradicional de pesca é das mais fortes no município. Foi fundada em 1729 por Domingos Gomes Belliagio, com intuito de ajudar as monções, que iam de São Paulo a Cuiabá e vice-versa.



FIM

Luciane Cruz

O que é o Pantanal?

Foto gentilmente cedida por Andy Rouse para a ECOA.



O Pantanal é uma imensa planície alagável com mais de 140 mil quilômetros quadrados no Brasil e 70 mil espalhados pela Bolívia e Paraguai. É a maior área úmida continental do mundo e abriga uma das mais exuberantes paisagens brasileiras. Apresenta uma grande variedade de fauna e flora que enche os olhos dos visitantes.

Localização:



 Pantanal

A região está dentro da Bacia do Alto Paraguai (BAP) e todo o Pantanal é influenciado pelos rios desta bacia hidrográfica. A baixa declividade da planície faz com que atue como uma esponja, retendo a água que chega dos rios da BAP.

Os ciclos de cheia e seca da região dependem das chuvas locais e das que ocorrem no planalto.

A água é o componente mais importante do Pantanal, seus rios sinuosos (cheios de curvas) transbordam no período das chuvas, formando extensas áreas inundadas por até 8 meses.

É uma região de grande importância para preservação da biodiversidade, considerada um dos maiores centros de reprodução da fauna da América. Só para se ter uma idéia, até hoje já foram catalogadas mais de 263 espécies de peixes, 122 espécies de mamíferos, 93 espécies de répteis, 1.132 espécies de borboletas, 656 espécies de aves e 1.700 espécies de plantas. O Pantanal também representa um elo de ligação entre o Cerrado, o Chaco (na Bolívia e Paraguai) e a região amazônica.

Colecione informações sobre o Pantanal.



www.redeaguape.org.br

Parceiros:



Proponente:



Apoio:



**MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE**

A Revista Aguapé está procurando parceiros para aumentar sua tiragem e número de páginas. Se você tem interesse em colaborar, entre em contato conosco pelo e-mail: jornalismo@riosvivos.org.br ou pelo telefone/fax: (67) 324 3230.